



Otan diz ter abatido míssil iraniano rumo à Turquia

Governo turco convoca embaixador do Irã para cobrar explicações sobre o episódio e adverte que se reserva o "direito de responder a qualquer atitude hostil"

» PALOMA OLIVETO

A crise no Oriente Médio deflagrada pelo ataque conjunto de Estados Unidos e Israel ao Irã, no sábado, foi ampliada ontem, depois que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) afirmou ter interceptado e abatido um míssil iraniano na direção da Turquia, país-membro da aliança e que abriga uma base militar norte-americana. Em nota, o governo turco, que convocou o embaixador iraniano, afirmou que, embora ninguém tenha ficado ferido, poderá reagir diante de novas incursões. “Lembramos que nos reservamos o direito de responder a qualquer atitude hostil contra o nosso país”, diz o comunicado. O Irã não comentou a alegação.

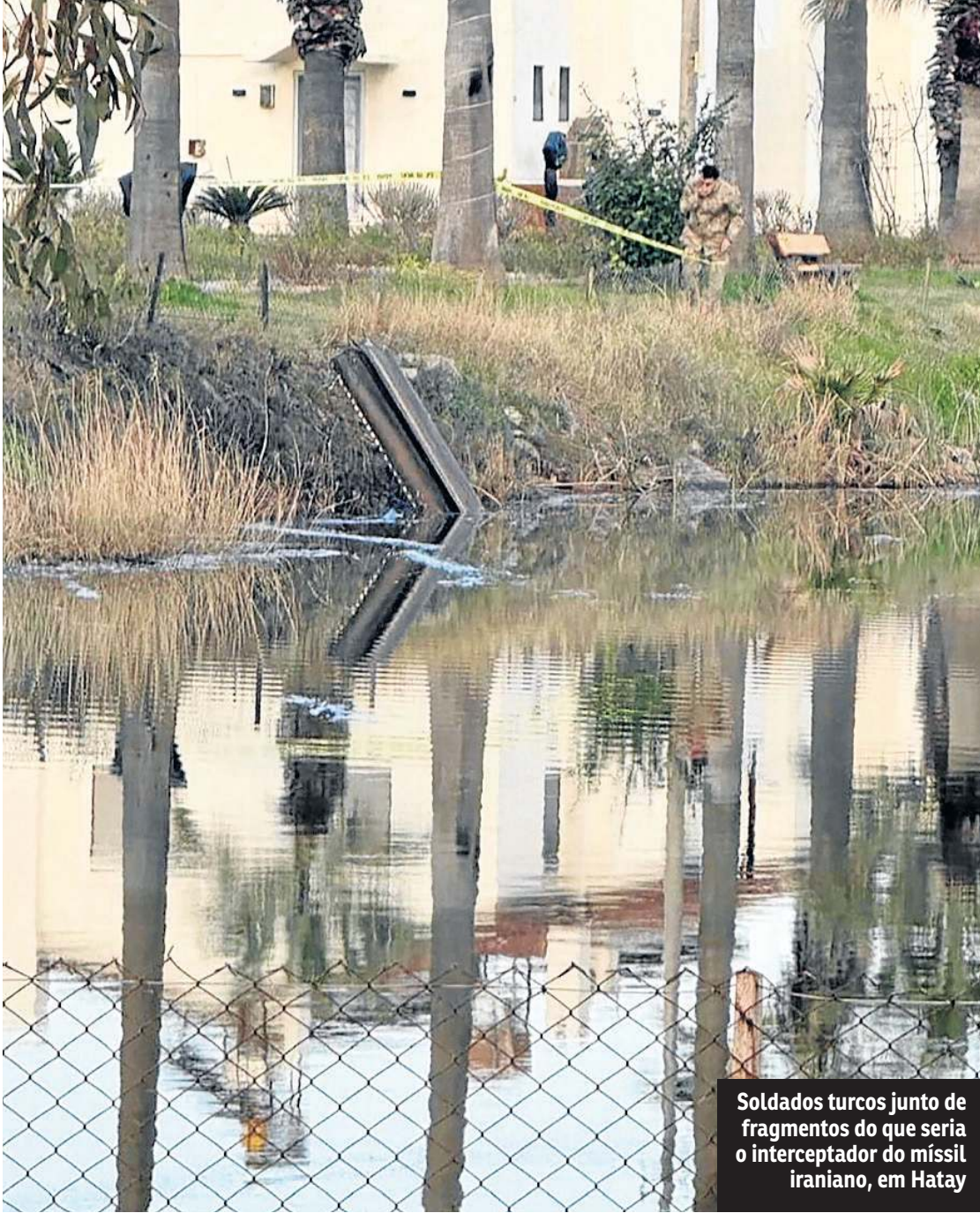
Segundo a Otan, o míssil balístico foi detectado na rota para o espaço aéreo turco, após cruzar os céus de Iraque e Síria. O artefato foi “interceptado e neutralizado em tempo hábil pelos elementos de defesa aérea e antimísil da Otan, posicionados no Mediterrâneo Oriental”, descreveu a

nota do governo turco. O explosivo caiu no distrito de Dortyol, na província de Hatay.

A agência de notícias France-Press (AFP), um alto funcionário turco que pediu anonimato afirmou que o país não era alvo do míssil. “Acreditamos que o alvo era uma base na parte grega do Chipre, mas o míssil desviou de sua rota”, declarou. No sábado, a Turquia condenou os ataques israelenses e norte-americanos ao Irã. Sem citar a Turquia, o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, divulgou um comunicado nas redes sociais, endereçado aos países vizinhos e “amigos de Teerã”. “Buscamos, por meio da diplomacia, evitar a guerra, mas a agressão militar americano-sionista não nos deixou outra escolha senão nos defender”, disse. “Respeitamos a vossa soberania e acreditamos que a segurança e a estabilidade da região devem ser alcançadas por meio dos esforços coletivos e suas nações.”

No comunicado sobre a interceptação da Otan, o governo turco afirmou que, “embora a Turquia apoie a estabilidade

Demiroren News Agency/AFP



Soldados turcos junto de fragmentos do que seria o interceptador do míssil iraniano, em Hatay

e a paz regional, ela é capaz de garantir a segurança de seu território e de seus cidadãos, independentemente de quem seja a ameaça ou de onde ela venha”. A nota também pede o fim do embate: “Instamos todas as partes a se absterem de ações que possam agravar ainda mais o conflito na região”.

Vizinhos enfurecidos

O primeiro-ministro do Catar, xeique Mohammed bin Abdulrahman Al Thani, condenou ontem os ataques iranianos contra os países do Golfo e, em um telefonema ao ministro das Relações Exteriores de Teerã, acusou o país de tentar “prejudicar seus vizinhos e arrastá-los para uma guerra que não lhes pertence”. Em um

comunicado, o ministério também destacou que o contato com Abbas Araghchi foi o primeiro de alto nível entre os dois países desde que os mísseis começaram a ser disparados, em resposta ao ataque israelense e norte-americano.

Desde sábado, quando o Irã foi bombardeado, 13 pessoas — das quais sete eram civis — foram mortas em países ao redor do Golfo,

Espanha aos EUA: "Não à guerra"

O governo da Espanha reagiu pronta e categoricamente a uma declaração da porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, a jornalistas, na tarde de ontem, de que o país europeu havia “concordado em cooperar” com o Exército dos Estados Unidos. “Nossa posição continua absolutamente inalterada, e desminto categoricamente qualquer mudança”, afirmou, na noite de ontem, o ministro das Relações Exteriores da Espanha, José Manuel Albares, reafirmando a recusa a permitir que os EUA utilizem bases espanholas para atacar o Irã.

Poucas horas antes da surpreendente fala da porta-voz de Donald Trump, o primeiro-ministro espanhol, o socialista Pedro Sánchez, foi explícito em uma declaração institucional no Palácio de La Moncloa, em Madri, pela manhã: “A posição do governo da Espanha se resume em quatro palavras: não à guerra”.

E prosseguiu, para evitar qualquer dúvida: “Não vamos ser cúmplices de algo que é ruim para o mundo, e que também é contrário aos nossos valores e interesses, simplesmente por medo das represálias de alguém”.

Na terça-feira, durante encontro com o chanceler da Alemanha, Friedrich Merz, na Casa Branca, Trump havia reagido irritado à decisão espanhola de não permitir o uso das bases de Rota e Morón, no sul do país, acusando a Espanha de se comportar como um “aliado terrível”. O norte-americano chegou a sustentar que suspenderia todo o comércio entre os dois países como retaliação.

Várias discordâncias

A nova refrega entre Sánchez e os EUA se soma à tensão que vem crescendo desde o início do segundo mandato de Trump. O

Não vamos ser cúmplices de algo que é ruim para o mundo, e que também é contrário aos nossos valores e interesses, simplesmente por medo das represálias de alguém"

Pedro Sánchez, primeiro-ministro da Espanha

mandatário espanhol já havia incorrido na fúria do norte-americano por se recusar a fazer a Espanha gastar 5% do PIB em defesa, como exigia o presidente dos EUA dos aliados da Otan, e por reprovar

duramente a conduta de Israel durante sua ofensiva em Gaza.

No plano interno, a posição de Sánchez dialoga com seu eleitorado de esquerda, a no máximo um ano das eleições gerais e em um momento em que ele é afetado por vários escândalos de corrupção em seu entorno. Com seu “Não à guerra” dessa quarta-feira, Sánchez retoma o slogan das grandes manifestações que ocorreram na Espanha contra a invasão do Iraque em 2003, na qual o então governo do conservador José María Aznar (do Partido Popular, o PP, conservador) se alinhou ativamente aos Estados Unidos.

Muitos espanhóis culpavam aquela participação espanhola pelos atentados jihadistas de março de 2004, que deixaram 192 mortos e levaram os socialistas ao poder nas eleições realizadas três dias depois.

Jim Watson/AFP



Trump x Sánchez: Líderes de EUA e Espanha acumulam divergências

»ARTIGO

Uma guerra e os seus (muitos) objetivos mal definidos

A guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã está em seu quinto dia e ainda podemos nos perguntar: para que serve essa guerra?

Querendo ser justo, o governo Israelense, e em particular o seu primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, deixaram bem claro o que eles querem dessa guerra: uma mudança de regime no Irã, um sonho de muitas décadas do mandatário israelense. Nós podemos discutir se tal objetivo é viável. Podemos discutir se a maneira como as Forças Armadas de Israel estão perseguindo esse objetivo é a mais adequada. Podemos discutir a (i)legalidade das ações israelenses, mas não há dúvidas sobre o objetivo do governo israelense.

Por parte dos americanos, não há nenhuma clareza sobre quais

objetivos o governo de Donald Trump quer alcançar, nem a maneira como quer fazer isso. Ao longo dos últimos dias, ouvimos que o objetivo é, sim, a mudança do regime diretamente por meio dessa guerra, ou por meio de uma revolta popular, instigada e facilitada pela guerra atual e, depois, apoiada pelos americanos. Já ouvimos falar na repetição do “modelo venezuelano”, ou seja, a troca do líder, mas não do regime. Já ouvimos que o objetivo é a destruição de todo poder bélico do Irã. Já ouvimos também sobre o objetivo mais limitado de destruir, de vez, o programa nuclear iraniano. Já ouvimos, do secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, que Israel iria atacar o Irã de qualquer jeito, e que, por esse motivo, os americanos teriam que participar.

Por si só, cada um desses objetivos seria difícil de ser alcançado. Não há, na história moderna das relações internacionais, um exemplo de mudança de regime utilizando somente forças aéreas e mísseis. Não há nenhum sinal de que as forças de segurança internas ou as Forças Armadas do Irã estejam abandonado o regime. Assim, é difícil imaginar que haja um novo movimento popular de protestos que pudesse levar à queda do regime. Não há, pelo que tudo indica, nenhum consenso, mesmo entre integrantes do governo americano, sobre o que, ou quem, deveria

Arquivo pessoal



KAI ENNO LEHMANN é professor associado do Instituto de Relações Internacionais da USP

substituir o atual regime que, apesar da morte do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, parece estar mantendo o controle sobre o país. De qualquer forma, o Irã não é a Venezuela. Não sabemos o estado real do programa nuclear iraniano. Aquele mesmo programa que Donald Trump nos assegurou depois dos bombardeiros em 2025, tinha sido “obliterado”, mas que, agora, serve como uma das justificativas dessa guerra.

Vamos deixar de lado no momento a plena ilegalidade dessa guerra — tanto de acordo com o Direito Internacional, quanto de

acordo com a Constituição e a legislação americana. Vamos deixar de lado, também, a brutalidade do regime iraniano contra a sua própria população e os seus vizinhos. Vamos simplesmente constatar que é impossível ganhar uma guerra quando não há objetivos claramente definidos. Sem objetivos claros, não é possível desenvolver uma estratégia para alcançar tais objetivos.

Diante de um cenário assim, o que podemos esperar ao longo dos próximos dias e semanas? Por um lado, Israel vai tentar moldar o Oriente Médio de acordo com os seus interesses. Estamos vendo incursões israelenses no Líbano e bombardeiros na fronteira entre o Líbano e a Síria. É uma questão aberta se essa tentativa vai dar certo (bombardeios

contra cidades israelenses indicam que talvez não seja tão fácil), mas o objetivo é claro.

Por outro lado, imagino que Donald Trump vá, em algum momento, declarar essa guerra como encerrada e os objetivos “alcançados”, seja quais forem. Não sabemos quando ele chegará nesse ponto, mas pesquisas de opinião pública nos Estados Unidos vão nos dar uma ideia: mesmo no início, essa guerra é muito impopular e, em algum momento, vai se tornar politicamente insustentável.

O que ele vai deixar como legado, tudo indica, é um país e uma região ainda mais instável e volátil do que já era, com consequências políticas e econômicas duradoras para o Oriente Médio e o mundo.